

# Comentário Bíblico Exegético: Êxodo Capítulo 1 (KJA)

*Uma Análise Cristocêntrica, Acadêmica e de Aplicação Prática*

📖 EXEGESE BÍBLICA

✝ CRISTOCÊNTRICO

🎓 ACADÊMICO

# Introdução: O Nascimento de uma Nação Sob Opressão

O livro de Êxodo, cujo título hebraico "**We'elleh Shemoth**" significa "*E Estes São os Nomes*", inicia com uma conjunção que o liga diretamente a Gênesis, indicando a continuidade da história da aliança de Deus com Seu povo. Esse elo literário não é acidental: o autor sagrado deseja que o leitor compreenda que a história da redenção não começa no Egito, mas nas promessas feitas a Abraão, Isaque e Jacó, transmitidas de geração em geração.

O título grego "**Êxodo**" (saída, partida) resume o evento central do livro: a libertação de Israel da escravidão no Egito. Teologicamente, essa saída não é apenas geográfica, mas existencial e espiritual — um povo antes escravizado passa a ser o povo da aliança, chamado à liberdade e à santidade perante o Senhor.

Este primeiro capítulo estabelece o cenário dramático para a intervenção divina. Apresenta-nos uma nação crescendo em número, mas também em vulnerabilidade. A opressão que se intensifica não é o fim da história, mas o palco onde a soberania de Deus será magnificamente revelada. A leitura deste capítulo nos convida a enxergar, por trás de cada decreto cruel do Faraó, a mão invisível e poderosa do Deus que cumpre Suas promessas.

## Estrutura do Capítulo 1

01

---

### Versículos 1–5

A lista dos filhos de Israel

02

---

### Versículos 6–7

Novo Faraó e o crescimento

03

---

### Versículos 8–14

A escravidão imposta

04

---

### Versículos 15–21

As parteiras fiéis

05

---

### Versículo 22

O decreto de extermínio

# Versículos 1–5: A Multiplicação do Povo de Israel

Os versículos iniciais de Êxodo funcionam como uma **ponte narrativa e teológica** entre o livro de Gênesis e a nova fase da história redentora. A lista dos nomes dos filhos de Israel não é um mero dado genealógico: ela afirma que Deus se lembra de cada um de Seus servos e que Sua aliança é pessoal e intransferível. Setenta almas que desceram ao Egito (cf. Gn 46.27) são o embrião da grande nação que Deus prometera a Abraão.

## Os Descendentes de Jacó

Os filhos de Israel são identificados como os descendentes de Jacó, cuja família se mudou para o Egito a convite de José, que havia se tornado alto oficial do Faraó. A memória de José é crucial: foi a providência de Deus operando através de sua história de sofrimento que posicionou Israel estrategicamente no Egito.

## Crescimento Populacional

A família de Jacó prosperou e se multiplicou grandemente no Egito, tornando-se uma nação numerosa. O verbo hebraico *sharats* (proliferar, pulular) é o mesmo usado para os animais criados na criação (Gn 1.20–21), evocando a bênção primordial de Deus: "crescei e multiplicai-vos".

## Contraste Cultural e Religioso

Os hebreus, adoradores de um único Deus, contrastavam com os egípcios politeístas. Eram pastores em uma terra de construtores, vivendo na região de Gósen, separados dos centros egípcios. Essa separação geográfica preservou sua identidade cultural e religiosa durante séculos de permanência no Egito.

# Versículos 6–7: O Início da Mudança e o Medo Egípcio

## Contexto Histórico

Historiadores identificam o "novo Faraó" possivelmente com a ascensão da XVIII ou XIX dinastia egípcia, período em que os laços com os semitas residentes no Delta foram rompidos. A memória de José e sua contribuição para o Egito foi apagada por políticas de estado e pelo passar das gerações.

"E levantou-se sobre o Egito um novo rei que não conhecera José." — Êxodo 1:8 (KJA)

## Um Novo Faraó

Um novo Faraó, que **não conhecia José**, ascende ao trono egípcio. Este governante representa uma nova era de hostilidade para os israelitas. O texto sugere não apenas ignorância histórica, mas uma recusa deliberada em reconhecer os benefícios trazidos pelos hebreus ao Egito. A ingratidão política abre as portas para a perseguição sistemática.

## O Medo da Proliferação

O Faraó, temendo o crescimento exponencial dos israelitas, via sua prosperidade como uma ameaça potencial ao poder egípcio. O medo, e não a lógica ou a justiça, torna-se o motor das políticas públicas contra Israel. A ironia é profunda: aquilo que Deus abençoou — a multiplicação do povo — é exatamente o que desperta o ódio e o temor dos opressores. A bênção divina transforma-se, aos olhos do mundo, em ameaça.

# Versículos 8–10: A Estratégia de Opressão do Faraó

## Ameaça à Soberania

O Faraó expressa seu temor de que os israelitas se tornassem tão numerosos que pudessem se organizar e se voltar contra os egípcios, ameaçando o reino. O argumento político é calculado: transforma a presença hebreia em um problema de segurança nacional, legitimando, na mente da população egípcia, o tratamento desumano que viria a seguir.

## Escravidão como Controle

Para conter o crescimento e "domar" o espírito do povo, o Faraó os escraviza, utilizando-os em trabalhos forçados. A escravidão era uma prática comum no mundo antigo, frequentemente usada para empregar povos conquistados ou cativos. No caso de Israel, ela representava uma tentativa de apagar a identidade coletiva e quebrar a coesão comunitária.

## A Soberania Divina

O que o Faraó não compreende é que está, inadvertidamente, cumprindo o plano de Deus. A opressão que deveria destruir Israel serviu, na providência divina, para fortalecer a identidade coletiva do povo e preparar o terreno para o maior ato de resgate da história do Antigo Testamento: o Êxodo.

# Versículo 11: A Construção das Cidades-Armazém

## Trabalho Forçado

Os israelitas são forçados a construir **idades-armazém** para o Faraó, como *Pitom* e *Ramessés*. Essas cidades tinham função estratégica e militar: armazenavam grãos, armas e suprimentos para as campanhas militares do faraó. A grandiosidade da arquitetura egípcia foi erguida, em grande parte, sobre o suor e o sangue de povos escravizados.

A identificação de Pitom com Tell el-Maskhuta ou Tell er-Retaba é discutida, enquanto Ramessés é frequentemente associada a Pi-Ramessés, no Delta do Nilo, hoje Tell el-Dab'a. Escavações arqueológicas confirmaram presença semítica intensa nessa região durante o Segundo Período Intermediário.

## Debate Arqueológico

A datação dessas cidades (cerca de 1290 a.C.) gera debate entre estudiosos sobre a data do Êxodo. Dois modelos principais se destacam: a **data precoce** (~1446 a.C., baseada em 1Rs 6.1) e a **data tardia** (~1260 a.C., baseada nos nomes das cidades do reinado de Ramsés II).

- ⓘ Alguns estudiosos sugerem que Ramsés II apenas renomeou cidades preexistentes, prática comum entre governantes egípcios que buscavam creditar a si próprios as construções de seus predecessores.

# Versículo 12: A Ironia da Prosperidade Sob Opressão

"Mas quanto mais os afligiam, tanto mais se multiplicavam e cresciam." — Êxodo 1:12 (KJA)

## A Contradição Divina

Paradoxalmente, quanto mais os egípcios oprimiam os israelitas, mais eles prosperavam e se multiplicavam. O texto hebraico utiliza o verbo *parats* (irromper, transbordar) para descrever o crescimento de Israel — uma imagem de força irreprimível que nenhuma política humana poderia conter. O Faraó lutava literalmente contra Deus, e cada medida de repressão resultava no efeito contrário ao desejado.

Esse paradoxo não é acidental: ele é um sinal teológico deliberado. O autor sagrado deseja que o leitor reconheça a mão de Deus operando silenciosamente em meio ao caos. A prosperidade de Israel sob opressão é uma manifestação antecipada do princípio que Jesus articularia séculos depois: *"O que procura salvar a sua vida vai perdê-la; o que perder a sua vida por minha causa a salvará."*

## O Propósito de Deus

### Promessa Cumprida

O crescimento de Israel realiza a promessa abraâmica (Gn 15.5)

### Identidade Forjada

A tribulação comum forja uma identidade nacional coesa

### Palco da Glória

O desespero egípcio prepara o cenário para a glória divina

# Versículos 13–14: A Intensificação da Crueldade Egípcia

## Trabalho Desumano

Os egípcios intensificam a crueldade, forçando os hebreus a realizar trabalhos árduos e degradantes, como a fabricação de tijolos de barro misturado com palha sob o sol escaldante. O texto hebraico usa a palavra *biperek* — "com rigor" ou "com crueldade" — para descrever a natureza desse trabalho, uma expressão que aparece na Torá como referência a tratamento brutalmente desumano. A lei mosaica posterior proibirá explicitamente esse tipo de tratamento de servos (Lv 25.43).

## Opressão e Controle

O objetivo era não apenas explorar a mão de obra, mas também **quebrar o espírito e a identidade** do povo de Israel. A estratégia egípcia era psicológica tanto quanto física: homens esgotados pelo trabalho exaustivo não teriam energia para se organizar, resistir ou manter vivas as tradições religiosas e culturais de seus antepassados. O Faraó subestimou gravemente a capacidade de um povo sustentado pela memória da aliança divina.

## Aplicação Cristológica

A imagem dos hebreus carregando o peso da escravidão ressoa profeticamente com a figura do Servo Sofredor de Isaías 53 e, em última instância, com Cristo carregando a cruz. O sofrimento de Israel prefigura o sofrimento redentor de Jesus, que tomou sobre Si o peso dos nossos pecados para nos libertar de uma escravidão muito mais profunda.

# Versículo 15: O Decreto de Morte das Parteiras

## As Parteiras

O Faraó ordena às parteiras hebreias — Sifrá e Puá — que matem os meninos recém-nascidos ao nascerem. Os nomes dessas mulheres foram preservados na Escritura enquanto o nome do Faraó permanece em debate histórico — um sinal eloquente de que Deus honra os fiéis e obscurece os opressores.



Este decreto representa um dos atos mais cruéis e diretos de tentativa de extermínio de um povo na história bíblica — um protótipo de genocídio.

## Um Ato de Genocídio

Este decreto representa um dos atos mais cruéis e diretos de tentativa de extermínio de um povo. Ao ordenar que apenas os meninos fossem mortos, o Faraó mirava a capacidade de defesa e liderança futura de Israel. Uma nação sem homens seria facilmente absorvida e dissipada ao longo das gerações, à medida que as mulheres se casassem com egípcios.

Academicamente, o decreto das parteiras revela um Faraó que, tendo falhado com os trabalhos forçados, agora recorre à eliminação biológica sistemática. O paralelismo com eventos históricos do século XX não é forçado: o ódio que busca exterminar o povo de Deus segue padrões recorrentes ao longo da história humana.

Cristologicamente, este decreto antecipa o massacre dos inocentes ordenado por Herodes em Belém (Mt 2.16), outra tentativa satânica de destruir o Libertador prometido ainda na infância. Satanás, operando através de poderes políticos corruptos, tenta repetidamente eliminar a linhagem messiânica.

# Versículos 16–17: A Coragem e a Fé de Sifrá e Puá



## Desobediência Piedosa

As parteiras, **temendo mais a Deus do que ao Faraó**, desobedecem à ordem real. O texto hebraico registra que elas "temeram a Deus" — a mesma expressão usada para Abraão (Gn 22.12), indicando que sua desobediência civil nasce de uma obediência superior: a obediência à lei divina inscrita em seus corações.



## A Fé que Salva Vidas

Elas salvam os meninos hebreus, permitindo que continuassem a viver. Entre os bebês que sobreviveriam por causa dessa coragem estaria, possivelmente, o próprio Moisés — o libertador de Israel. A fé de duas mulheres anônimas mudou o curso da história redentora. Deus frequentemente usa os pequenos e aparentemente insignificantes para realizar Seus propósitos mais grandiosos.



## Resistência Corajosa

O ato de Sifrá e Puá é um dos primeiros registros bíblicos de **resistência não violenta por convicção religiosa**. Elas demonstram que a obediência a Deus deve prevalecer sobre a obediência ao Estado quando os dois entram em conflito — princípio que Pedro e os apóstolos reafirmariam diante do Sinédrio (At 5.29).

# Versículo 18: O Confronto com o Faraó

## A Resposta das Parteiras ao Faraó

Confrontadas pelo Faraó, Sifrá e Puá apresentam uma justificativa astuta, afirmando que as mulheres hebreias eram fortes e davam à luz antes que as parteiras chegassem. A afirmação contém um elemento de verdade — as mulheres hebreias eram conhecidas pela robustez no parto — mas serve essencialmente para desviar a ira do Faraó e proteger tanto os bebês quanto as próprias parteiras.

A questão teológica levantada por essa resposta — se Deus aprova a mentira quando ela salva vidas inocentes — tem sido debatida por teólogos ao longo dos séculos. Agostinho a condenava; Calvino e outros a compreendiam no contexto de uma guerra espiritual. O texto bíblico não comenta sobre a moralidade da resposta, mas registra a bênção de Deus sobre as parteiras, focalizando sua motivação: o temor de Deus.

## A Sabedoria Divina

"E as parteiras responderam ao Faraó: As mulheres hebreias não são como as egípcias..." — Êxodo 1:19 (KJA)

Essa resposta, embora moralmente complexa, foi usada por Deus para proteger Seu povo e honrar as parteiras fiéis. O propósito divino prevalece mesmo através das fraquezas e dilemas morais dos instrumentos humanos — demonstrando a graça soberana de Deus que opera em meio às imperfeições de Seus servos.

# Versículo 19: A Resposta de Deus à Desobediência do Faraó



## Deus Vê e Age

Deus observa a crueldade do Faraó e a fidelidade das parteiras. O Deus da Bíblia não é um espectador passivo da história humana: Ele vê, Ele sabe e Ele age. O sofrimento de Israel sob a opressão egípcia não passava despercebido. Deus guardava cada detalhe para o tempo certo de Sua intervenção.



## A Bênção Divina

Deus abençoa as parteiras, fortalecendo o povo de Israel. A recompensa divina não é imediata nem sempre visível, mas é certa. As parteiras que arriscaram suas vidas para obedecer a Deus receberam proteção e honra divinas. O nome delas está gravado para sempre nas páginas das Escrituras.



## A Justiça Soberana

A justiça de Deus não é apressada, mas é irrefutável. O mesmo Nilo em que o Faraó pretendia afogar os bebês hebreus (v.22) será, mais tarde, o rio cujas águas serão transformadas em sangue como primeiro julgamento divino sobre o Egito (Êx 7.20). A história registra que Deus sempre tem a última palavra.

# Versículos 20–21: A Recompensa Divina e a Continuidade do Plano

## Prosperidade Multiplicada

Deus, vendo a fé de Sifrá e Puá, faz com que o povo de Israel continue a se multiplicar com ainda maior vigor. O verbo hebraico aqui intensifica o crescimento: Israel não apenas cresceu — *transbordou*. A repressão se converte em catalisador da bênção, e o plano do Faraó se torna, ironicamente, combustível para a promessa divina.

O crescimento de Israel sob opressão é um padrão que se repetiria na história da Igreja primitiva: "E naquele dia houve grande perseguição contra a igreja em Jerusalém... e os que foram dispersos iam por toda parte pregando a palavra" (At 8.1,4). A perseguição dispersa, mas não destrói — ela multiplica.

## A Casa das Parteiras

Deus estabelece "**casas**" (famílias ou linhagens) para as parteiras fiéis, honrando sua obediência com continuidade, legado e descendência. No contexto do Antigo Oriente, ter uma "casa" significava ter honra, nome e futuro. As mulheres que preservaram a vida dos filhos de Israel receberam como recompensa a dádiva da própria vida: filhos, família e posteridade.

- ✔ A fidelidade a Deus, mesmo a custo pessoal e risco de vida, é sempre honrada pela providência divina — no tempo e modo que Deus determina.

# Versículo 22: O Decreto Final do Faraó

"Então Faraó ordenou a todo o seu povo, dizendo: Todo filho que nascer, lançai-o no rio..." — Êxodo 1:22 (KJA)

## Desespero e Crueldade

Diante do fracasso de seu plano secreto com as parteiras, o Faraó emite um decreto ainda mais brutal e público: todo menino hebreu recém-nascido deveria ser lançado no rio Nilo. Este decreto representa a escalada máxima da violência estatal contra Israel — uma perseguição que agora envolve toda a sociedade egípcia como cúmplice no genocídio.

## O Rio como Ferramenta de Morte

O Nilo, fonte de vida para o Egito, torna-se um instrumento de morte para os meninos hebreus. Há aqui uma profunda ironia bíblica: os egípcios adoravam o Nilo como divindade (*Hapy*), e agora o transformam em local de assassinato infantil. O capítulo seguinte narrará como o próprio Nilo preservará a vida de Moisés — o libertador que nasceu para reverter cada aspecto desta opressão.

## O Padrão Satânico

O decreto final do Faraó revela o padrão recorrente do inimigo: quando não pode impedir o crescimento do povo de Deus, tenta eliminar o portador da promessa de libertação. Assim como Herodes matou as crianças de Belém para eliminar Jesus (Mt 2:16–18), o Faraó matava as crianças de Israel para eliminar o futuro libertador. Mas em ambos os casos, Deus preservou Seu ungido e Seu plano prevaleceu.

# Êxodo 1: Uma Visão Cristocêntrica

## O Faraó como Tipo de Satanás

O Faraó, com seu ódio à nação escolhida por Deus e sua tentativa de exterminar a linhagem do Messias, pode ser visto como um **tipo de Satanás**, que busca destruir o povo de Deus e impedir a vinda do Salvador. Assim como o Faraó tentou matar os filhos de Israel, Satanás busca "roubar, matar e destruir" (Jo 10.10). Ambos falham diante da soberania divina.



## Israel como Tipo da Igreja

A nação de Israel, crescendo em meio à opressão e à promessa de libertação, prefigura a **Igreja**, que também enfrenta perseguições e tribulações, mas é sustentada pela promessa da redenção em Cristo. Assim como Israel não foi destruído pelo Egito, as portas do inferno não prevalecerão contra a Igreja (Mt 16.18). A opressão não pode extinguir o que Deus vivifica.

## O Êxodo como Tipo da Redenção

O Êxodo de Israel é o grande tipo da redenção em Cristo. Assim como Israel foi libertado da escravidão no Egito pelo sangue do cordeiro pascal, os crentes são libertados da escravidão do pecado pelo sangue do **Cordeiro de Deus** (Jo 1.29). Paulo explicita essa tipologia: "Cristo, nossa Páscoa, foi sacrificado por nós" (1Co 5.7).



# Êxodo 1: Uma Perspectiva Acadêmica

## Contexto Histórico-Cultural

A análise do capítulo requer a compreensão do contexto egípcio: suas práticas de escravidão, a estrutura social e religiosa do Novo Império, e as políticas de controle populacional no Delta do Nilo. Papiros egípcios do período confirmam a presença de trabalhadores estrangeiros (*Apiru*) em projetos de construção estatais, fornecendo paralelos históricos significativos para a narrativa bíblica.

## Debates Arqueológicos e Textuais

A discussão sobre as datas do Êxodo e a identificação dos Faraós envolvidos (como Ramsés II ou Tutmés III) é crucial para uma compreensão acadêmica aprofundada. A teoria da data precoce, baseada em 1 Reis 6.1 (480 anos antes do templo de Salomão = ~1446 a.C.), confronta-se com a teoria da data tardia (~1260 a.C.), apoiada nas referências às cidades de Ramsés. Ambas têm defensores sérios na academia bíblica contemporânea.

## Análise Literária

A estrutura narrativa de Êxodo 1 revela um autor de grande habilidade literária. A **ironia estrutural** — a opressão que produz multiplicação — é um recurso deliberado que permeia todo o capítulo. A introdução de personagens secundários como Sifrá e Puá enriquece a narrativa com dimensão humana e moral. O capítulo funciona como uma abertura dramática que cria tensão crescente, preparando o leitor para a resolução que virá nos capítulos seguintes com o nascimento e chamado de Moisés.

- ⓘ A preservação dos nomes das parteiras em contraste com o anonimato do Faraó é uma escolha narrativa teologicamente carregada: na memória de Deus, os fiéis são honrados enquanto os opressores são esquecidos.

# Aplicação Prática: Fé em Meio à Adversidade



## Confiança na Soberania de Deus

Assim como Israel cresceu e prosperou mesmo sob a mais brutal opressão, somos chamados a confiar na soberania de Deus em todas as circunstâncias. Quando as "providências" parecem contrárias, quando o inimigo parece prevalecer, o crente é desafiado a enxergar além das aparências e crer que o Deus da aliança está no controle absoluto da história — pessoal e coletiva.



## Coragem na Obediência

A exemplo de Sifrá e Puá, devemos ter a coragem de obedecer a Deus acima das ordens humanas que contrariam Sua vontade. Em um mundo que cada vez mais pressiona os crentes a silenciarem sua fé e a curvarem seus valores, o exemplo das parteiras é um chamado à coragem moral — àquele tipo de fé que age certo quando o custo é alto e os riscos são reais.



## Resiliência e Crescimento

A história de Israel nos ensina que Deus pode usar até mesmo as circunstâncias mais adversas para o crescimento e a multiplicação de Seu povo. A adversidade, quando recebida com fé e obediência, não nos diminui — ela nos forja. Como o ouro purificado no fogo, a fé testada emerge mais pura, mais forte e mais gloriosa para a honra de Deus (1Pe 1.7).

# A Promessa de Libertação em Cristo

## O Verdadeiro Libertador

O Faraó e o Egito representam o poder do pecado e da morte que nos escravizam. Jesus Cristo é o verdadeiro Libertador, que nos resgata através de Seu sacrifício na cruz. Onde Moisés libertou Israel de uma escravidão física e temporal, Cristo nos liberta de uma escravidão espiritual e eterna — não pelo poder de uma vara, mas pelo poder do Seu sangue precioso.

"Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres." —  
João 8:36

## O Novo Êxodo

A libertação de Israel do Egito é um prenúncio da nossa libertação espiritual do pecado, realizada por Cristo, o **Cordeiro Pascal**. Os profetas do Antigo Testamento — especialmente Isaías e Oséias — evocam o Êxodo para descrever a redenção futura que o Messias realizaria. Jesus, em Sua transfiguração, discutia com Moisés e Elias sobre Seu "êxodo" a ser realizado em Jerusalém (Lc 9.31).

O Novo Êxodo não é apenas uma metáfora teológica: é a realidade mais profunda da existência cristã. Fomos retirados da "escravidão do pecado" (Rm 6.17–18), conduzidos através das "águas do batismo" (1Co 10.1–4), e somos peregrinos a caminho da **terra prometida do céu**. Somos, em Cristo, o Israel de Deus (Gl 6.16) — libertos, amados, destinados à glória.

# Conclusão: A Fidelidade de Deus Inabalável

## A Aliança Não Falha

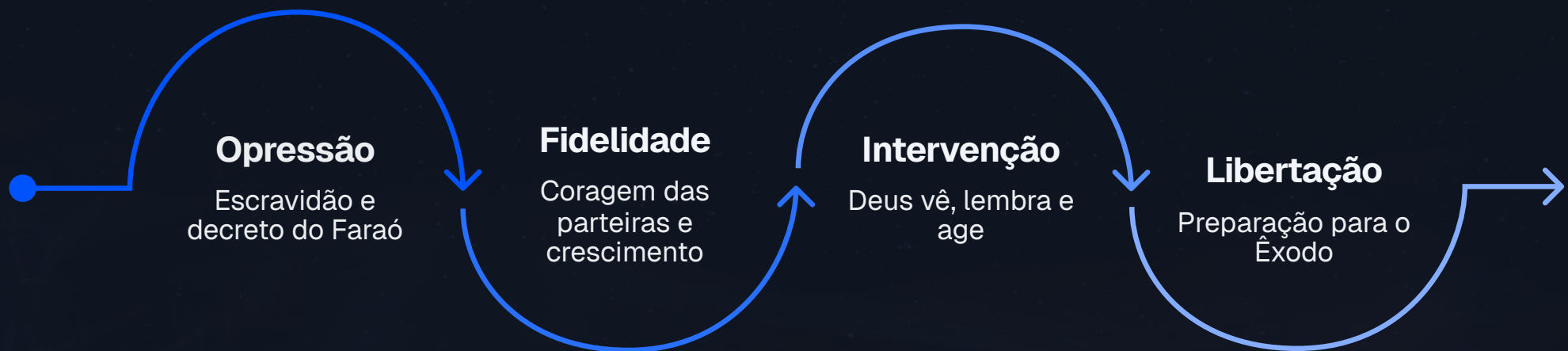
Êxodo 1 demonstra que, mesmo diante da mais brutal opressão e de tentativas de extermínio, Deus permanece fiel à Sua aliança e ao Seu povo. Nenhum decreto do Faraó, nenhum poder de nação alguma, pode anular as promessas de Deus. A fidelidade divina é o fundamento inabalável sobre o qual repousa toda a esperança bíblica e toda a confiança cristã.

## Desespero Transformado

A história de Israel é um testemunho eterno do poder de Deus em transformar situações de desespero em oportunidades para Sua glória e para a manifestação de Sua salvação. O capítulo mais sombrio da história de Israel — a escravidão no Egito — tornou-se o cenário do mais glorioso ato de libertação do Antigo Testamento. Nada está além da redenção divina.

## O Padrão da Redenção

O padrão de Êxodo 1 — opressão, clamor, intervenção divina, libertação — repete-se ao longo de toda a Escritura, culminando na cruz e ressurreição de Cristo. Este padrão é também o padrão da vida cristã: tribulação, perseverança, esperança e glória (Rm 5.3–5). Êxodo 1 não é apenas história; é teologia viva que fala ao coração do crente em qualquer época.



# Reflexão Final

O primeiro capítulo de Êxodo nos deixa diante de um Deus que não abandona Seu povo, que enxerga cada lágrima, ouve cada gemido e age em Seu tempo perfeito. A mesma fidelidade que sustentou Israel no Egito nos sustenta hoje — porque o Deus de Abraão, de Isaque, de Jacó e de Moisés é também nosso Deus, revelado plenamente em Jesus Cristo, o Senhor glorificado.

## Assinatura do Autor

**Dr. Teologia Prof. Jônatas Silva da Cruz**

*Teólogo*

Comentário Bíblico Exegético — Êxodo Capítulo 1  
(KJA)

*"Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a educação na justiça." — 2 Timóteo 3:16*

